

Verbos auxiliares do tempo composto em peças cariocas: um estudo diacrônico

*Mônica de Azevedo Rodrigues Paulo (PG, UERJ)**

Resumo

Observando a fala espontânea, percebemos que o uso do verbo “haver” está cada vez mais ausente no Português Brasileiro, não apenas nos tempos compostos, mas também em seu uso como verbo pleno existencial, igualmente substituído por “ter”. Apesar de as gramáticas normativas defenderem que tanto o verbo “ter” quanto o verbo “haver” formam os tempos compostos, parece que apenas as variedades de fala mais monitoradas e a escrita formal preservam a forma com “haver”, sendo mais recorrente o uso do auxiliar “ter” na fala espontânea. Através de um estudo de mudança em tempo real, foram analisadas sete peças de teatro escritas por autores brasileiros, distribuídas ao longo de sete períodos. No total, computamos 164 dados com o verbo auxiliar “ter”; e apenas 9 com o “haver”. A discrepância entre a quantidade de dados confirmou que há uma tendência ao desaparecimento do verbo “haver” como auxiliar de tempos compostos.

1. Introdução

A proposta deste trabalho é a investigação da formação do tempo composto no Português do Brasil (PB). Apesar de as gramáticas normativas defenderem a possibilidade de dois auxiliares – “ter” e “haver” – comporem a formação desse tempo, a fala espontânea nos dá pistas para acreditarmos que o uso de “haver” como auxiliar está cada vez mais ausente no nosso PB como, aliás, ocorre com seu uso como verbo pleno existencial, igualmente substituído por “ter”. Há indícios de que apenas as variedades de fala mais monitoradas e a escrita formal preservem essa forma.

O nosso objetivo é realizar um estudo de mudança em tempo real a fim de verificar se há uma tendência ao desaparecimento do verbo “haver” como auxiliar de tempo composto. Para tanto, analisaremos sete peças de teatro escritas por autores brasileiros, distribuídas ao longo de sete períodos. A distribuição, devido à falta de autores populares no século XIX, não é regular. Entretanto, estudos sobre outros fenômenos (cf. Duarte 2012) revelam que não houve mudanças substanciais na gramática do PB ao longo do século XIX. Na tabela abaixo, apresentamos os períodos, as peças, seus autores e o ano em que foram escritas.–

* Programa de pós-graduação stricto sensu em Letras. Bolsista CAPES. Centro de Educação e Humanidades, Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil.

Tabela 1: Relação entre os períodos, as peças, os autores e o ano de publicação.

PERÍODO I	O noviço	Martins Pena	1845
PERÍODO II	Caiu o ministério	França Júnior	1883
PERÍODO III	O simpático Jeremias	Gastão Tojeiro	1918
PERÍODO IV	O hóspede do quarto nº 2	Armando Gonzaga	1937
PERÍODO V	Um elefante no caos	Millôr Fernandes	1955
PERÍODO VI	A mulher integral	Carlos E. Novaes	1975
PERÍODO VII	No coração do Brasil	Miguel Falabella	1992

Na próxima seção, abordaremos a descrição tradicional do fenômeno estudado - tempo composto - à luz de três gramáticas normativas (duas brasileiras e uma portuguesa). Na seção 3, reveremos a perspectiva de Oliveira (2013) a fim de elaborarmos uma hipótese sobre o comportamento do fenômeno no PB. Passaremos, na seção 4, para a análise dos dados. Por fim, na seção 5, apresentaremos nossa conclusão.

2. Um fenômeno do PB: o tempo composto

Antes de dar início à investigação, fez-se necessário observar o que dizem as gramáticas normativas do português brasileiro (PB) e do português europeu (PE) a respeito do fenômeno “tempo composto”. Considerando a influência das gramáticas portuguesas para a definição das gramáticas brasileiras, trataremos primeiramente da perspectiva lusitana.

Representando a gramática normativa de Portugal, tomaremos como base Oliveira (2013). No PE, há sete tempos compostos. Vejamos, como exemplos, os quatro tempos do indicativo: pretérito perfeito (*tenho cantado*), pretérito mais-que-perfeito (*tinha cantado*), futuro (*terei cantado*) e condicional (*teria cantado*). Como podemos observar, o único auxiliar aceito é o verbo “ter”. A autora considera que o tempo composto formado pelo auxiliar “haver” representa uma forma arcaizante, sendo raramente utilizada no PE. Contudo, ela afirma que tal forma é comum no Português do Brasil, o que está em equivalência com a descrição de Bechara que veremos a seguir.

Duas gramáticas normativas do PB foram escolhidas para observação: “Moderna gramática portuguesa”, de Evanildo Bechara (1999 [1928]), e “Gramática crítica”, de Luiz Ricardo Leitão (2007). Nas duas, a descrição do fenômeno em questão é bem simples. O professor Leitão define como tempo composto aquele em que o verbo é formado com os auxiliares “ter” e “haver”. Para ele, existem sete desses tempos.

Já o professor Bechara traz uma nova informação ao afirmar que, além do “ter” e “haver”, o tempo composto poderia ainda ser formado com o “auxílio” do verbo

“ser” (“Era chegada a ocasião da fuga”). Entretanto, ele afirma que essa forma é praticamente inexistente no PB. O que vai interessar ao nosso trabalho é a distinção do autor quanto ao uso de “ter” e “haver”, pois o emprego deste último é considerado raro por Bechara. A visão do autor é inspirada no modelo europeu, ou seja, Bechara não se baseou no PB falado no Brasil, mas sim nas regras do PE.

Diferente de Leitão, Bechara estabelece dez tempos compostos e três possíveis verbos auxiliares (“ter”, “haver” e “ser”). Na seção 4.4, serão expostos dados para exemplificar esses tempos verbais. As divergências encontradas nas obras observadas suscitam questionamentos a respeito do que realmente acontece no PB quanto ao fenômeno “tempo composto”. Com isso, podemos seguir para o levantamento da hipótese.

3. Formulando uma hipótese

Com base na abordagem da autora portuguesa Fátima Oliveira (2013), formulamos a nossa hipótese: **O PB é mais conservador do que o PE, tendo em vista que preservou uma forma arcaizante, ou seja, o uso do verbo “haver” como auxiliar.**

Partindo do pressuposto de que as peças representam um registro próximo da fala corrente do período em que foram escritas, utilizaremos esses textos a fim de tentar confirmar a nossa hipótese. Caso a frequência do auxiliar “haver” se aproxime da frequência do uso de “ter” ou a supere, poderemos comprovar a afirmação da autora portuguesa:

Num registro um pouco arcaizante em português europeu, mas mais comum no português do Brasil, o verbo haver também pode ser utilizado como verbo auxiliar na construção dos verbos compostos (Oliveira, 2013: 528).

Passemos, então, para a verificação dos dados.

4. Análise dos dados

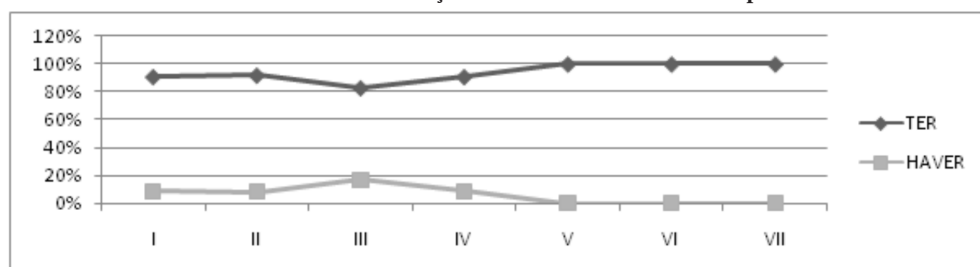
4.1. A distribuição de “ter” e “haver” através do tempo

Com o intuito de refletir sobre o uso dos verbos auxiliares “ter” e “haver” em verbos compostos no Português Brasileiro (PB) foram analisadas sete peças de diferentes períodos. No total, foram computados 175 dados com esses verbos. Em 165 destes figura o verbo “ter”; enquanto apenas em 10 sentenças é empregado o verbo “haver” como auxiliar. Na tabela abaixo, podemos observar como esses dados estão distribuídos pelos períodos.

Tabela 2: a distribuição de ter/haver através do tempo.

Período	I	II	III	IV	V	VI	VII	TOTAL
ter	20 (91%)	24 (92%)	19 (83%)	31 (91%)	18 (100%)	36 (100%)	17 (100%)	165 (94%)
haver	02 (09%)	02 (8%)	04 (17%)	02 (09%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	10 (6%)
Total	22 (100%)	26 (100%)	23 (100%)	32 (100%)	18 (100%)	36 (100%)	17 (100%)	175 (100%)

Logo no primeiro período há uma grande ocorrência do verbo “ter”: 91% contra 9% de ocorrências do verbo “haver”. Comparando a frequência dos usos dos verbos “ter” e “haver” ao longo do tempo, podemos observar que há uma tendência ao aumento do uso de “ter”. Apenas no período III há uma mínima queda devido ao pequeno aumento de dados com “haver” (4 dados com “haver” contra 19 de sentenças com “ter”). No entanto, essa queda não é relevante a ponto de podermos considerar que houve uma preferência por “haver”, ou que seu uso estivesse caminhando para substituir o emprego de “ter”. O gráfico 1 nos permite ver melhor esses resultados.

Gráfico 1: a distribuição de ter/haver através do tempo.

As curvas mostram ainda o completo desaparecimento do verbo “haver” nos períodos V, VI e VII, e a total preferência por formar tempos compostos com o auxiliar “ter” nestes mesmos períodos. Através do gráfico 1, podemos visualizar também o quão irrelevante é o pequeno aumento de dados com “haver” no período III. Enquanto a linha desse não chega aos 20%, a de “ter” ultrapassa os 80%.

Os dados nos mostram que o uso do auxiliar “haver” já era marginal nos primeiros períodos, tornando-se inexistente nos últimos. Isso confirma o nosso pressuposto de que as peças estão bem próximas da fala de seus períodos. **Se o auxiliar “haver” está marginalizado no PB, o que justifica as gramáticas normativas ainda legitimarem o seu uso na formação de tempos compostos?**

Provavelmente a resposta a essa pergunta está relacionada à pressão escolar imposta ao PB em favor do uso de “haver” existencial: *“Há muitos alunos nessa*

escola.”. O emprego desse verbo é uma forma “aprendida” na escola e carrega sobre si certo prestígio. É possível que o mesmo valor dado ao “*haver*” como verbo existencial tenha sido transferido para os tempos compostos, o que leva alguns falantes do PB a preservarem o uso desse verbo como auxiliar em situações monitoradas. Esses falantes são respaldados por algumas gramáticas normativas, porém não estão em conformidade com a gramática real, natural e atual do PB.

4.2. Os dados com o auxiliar “*haver*”

Nas sete peças analisadas, foram encontrados apenas nove casos do verbo “*haver*” como auxiliar de tempo composto. Desses casos, dois se encontram no período I, dois no II, quatro no III, e dois no IV. Nos demais períodos, não identificamos nenhum caso. Esses dados nos revelam que as peças acompanham a fala e a escrita do PE e a fala do PB. Além disso, observamos que é a partir dos períodos IV e V que surgem as mudanças significativas. Passemos à enumeração dos dados com auxiliar “*haver*”:

- (1) FLORENCIA - Um homem em quem **havia posto** toda a minha confiança, que eu tanto amava... Emília, eu o amava muito.
(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)
- (2) ROSA – Escrevi-lhe sempre, mas nada de receber resposta. Muito chorei, porque pensei que ele **havia morrido**.
(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)
- (3) PEREIRA - Também eu sei que o homem esteve cinco horas em São Cristóvão, e que de lá saiu à meia-noite, sem se **haver decidido** coisa alguma.
(*Caiu o ministério*, França Júnior, 1889, período II)
- (4) BRITO - O verdadeiro é não dizer nada. Venha cá logo, e comunicar-lhe-ei então tudo o que **houver ocorrido**.
(*Caiu o ministério*, França Júnior, 1889, período II)
- (5) ELISA - Sei, cá! Por nada... Está furiosa por não **haver** ainda **encontrado**, aqui em Petrópolis, um cavalo a seu *gosto* para montar.
(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)
- (6) JEREMIAS (Numa transição brusca acompanhada de um gesto de repulsa) - Ide, serpente feminina, expelir o veneno do vosso olhar noutra coração que a filosofia não **haja** ainda **insensibilizado**.
(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)
- (7) OTÁVIO - Pode gabar-se de já **haver percorrido** todos os recantos de Petrópolis.
(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)
- (8) LAURA - É certo. Ignorava o fim que **havia levado**... Como sabes, sou uma mulher de grandes despesas.
(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)
- (9) DOROTEIA – O Carlos já lhe **havia comunicado** que era noivo?
(*O hóspede do quarto nº 2*, Armando Gonzaga, 1937, Período IV)
- (10) VENTURA – É que a velha **havia morrido** seis meses antes.
(*O hóspede do quarto nº 2*, Armando Gonzaga, 1937, Período IV)

É interessante observarmos que as estruturas com o verbo “haver” não são amplamente utilizadas, ou seja, não são usadas dentro de todas as suas possibilidades. Por exemplo, foram encontrados dados apenas em quatro tempos e formas verbais: Pretérito mais-que-perfeito composto – (1), (2), (8), (9), (10); infinitivo não flexionado – (3), (7); pretérito perfeito do subjuntivo – (6); futuro composto do subjuntivo – (4).

Dentro de uma amostra de 175 dados, torna-se difícil constatar relevância e padronização na ocorrência de apenas nove dados. Seguiremos, assim, para a próxima seção em que trataremos dos 175 dados sem distinguir os compostos por verbo “ter” e “haver”.

4.3. Investigando a relação entre tempo verbal e sentido

Nosso objetivo nesta seção é investigar se os tempos verbais foram escolhidos adequadamente pelos autores, considerando o contexto em que foram empregados e o sentido a ser expresso. Os dados com verbo no infinito foram desprezados nesta etapa por não se aplicarem ao fator em questão, já que não são possuidores de marca temporal. Dessa forma, estamos operando com 125 dados, distribuídos segundo a tabela 2. Na linha “sim” da tabela, estão os dados em que há relação pertinente entre tempo verbal e sentido; ao passo que na outra linha estão os dados em que há uma relação inesperada entre tempo verbal e sentido.

Tabela 3: a relação entre tempo verbal e sentido ao longo do tempo.

	I	II	III	IV	V	VI	VII	TOTAL
SIM	16 (80%)	18 (95%)	16 (94,1%)	24 (100%)	10 (91%)	24 (100%)	10 (100%)	118
NÃO	4 (20%)	1 (5%)	1 (5,9%)	0 (0%)	1 (9%)	0 (0%)	0 (0%)	7
TOTAL	20	19	17	24	11	24	10	125

Para ficar mais claro o quesito que estamos observando nesta seção, apresentaremos primeiro 3 dados em que há correspondência adequada entre tempo verbal e sentido:

a. Pretérito perfeito composto: indica ação iniciada no passado e que tem continuidade no presente.

(10) FLORÊNCIA - Não **tenho tido** tempo e custa-me tanto aturar procuradores.

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

(11) EMÍLIA – Desde então nossa vida **tem sido** tormentosa.

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

b. Pretérito mais-que-perfeito composto: indica ação iniciada e concluída no passado
 (12) FELIZARDO - É um rapaz muito hábil. O senhor não imagina que discurso **tinha** ele **preparado**. Ontem recitou-mo todo. Sabia-o na ponta da língua.

(*Caiu o ministério*, França Júnior, 1889, período II)

(13) MARGARETH - Eu achei que ela **tinha nascido** santa.

(*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, período VII)

A seguir listamos alguns dados em que não há correspondência adequada entre tempo verbal e sentido:

a. Pretérito perfeito composto com sentido de passado concluído:

(14) AMBRÓSIO - Irei hoje mesmo ao convento falar ao D. Abade, e dir-lhe-ei que **temos mudado** de resolução a teu respeito. E de hoje a quinze dias, senhoras, espero ver esta sala brilhantemente iluminada e cheia de alegres convidados para celebrarem o casamento de nosso sobrinho Carlos com minha enteada.

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

(15) FILOMENA - E a mãe cada vez se veste pior. Não parece que já **tem vindo** ao Rio. Viste o Doutor Raul?

(*Caiu o ministério*, França Júnior, 1889, período II)

b. Pretérito mais-que-perfeito composto com sentido de presente:

(16) BOMBEIRO - Oh, muito obrigado! Por acaso ... eu **tinha trazido** aqui ... uma lembrancinha ... Se me der a licença de aceitar ... a honra ...

(*Um elefante no caos*, Millôr Fernandes, 1955, período V)

c. Futuro com sentido de ação que começou no passado e continua:

(17) EMÍLIA - Pobre Carlos, como **terás passado** estes seis meses de noviciário.

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

(18) EMÍLIA - Oh, minha mãe, tenha pena do primo... O que não **terá** ele **sofrido**, coitado!

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

(19) CARLOS - Não há grades que me prendam, nem muros que me retenham. Arrombei grades, saltei muros e eis-me aqui de novo. E lá deixei parte do hábito, esfolei os joelhos e as mãos. Estou em belo estado! Ora, para que ateimam comigo? Por fim, lanço fogo ao convento e morrem todos os frades assados, e depois queixem-se. Estou no meu antigo quarto, ninguém me viu entrar. Ah, que cama é esta? É da tia... Estará... Ah, é ela... e dorme... Mudou de quarto? O que se **terá passado** nesta casa há oito dias. Estive preso, incomunicável, a pão e água. Ah, frades! Nada sei. O que será feito da primeira mulher do senhor meu tio, desse grande patife? Onde estará a prima? Como dorme! Ronca que é um regalo! [Batem palmas.] Batem! Serão eles, não tem dúvida. Eu acabo por matar um frade...

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

(20) FÉLIX: [Impaciente] - Mas que demora: Aonde **teria** ela **ido**?

(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)

É inegável que as sentenças em que dizemos não haver relação adequada entre tempo verbal e sentido não foram empregadas pelos autores sem um propósito, como

uma simples inadequação gramatical. Na verdade, há nessas estruturas um belo poder estilístico que agrega valor às obras.

4.4. Uma análise qualitativa

Nas peças analisadas, foram encontrados dados que se enquadram em nove dos dez tempos verbais identificados por Bechara, o que confirma a perspectiva do autor quanto às categorias desses verbos. Apenas o tempo composto em futuro do subjuntivo não foi realizado em nenhuma das peças selecionadas. Enumeramos a seguir alguns exemplos retirados das peças para ilustrar cada um dos nove tempos verbais encontrados de acordo com a nomenclatura adotada pelo autor:

A. Pretérito perfeito composto.

(21) FELIX - Sim, **tenho experimentado** sensíveis melhoras.

(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)

(22) JULIA – A das propostas indecorosas. **Tem feito** propostas indecorosas a ele?

(*A mulher integral*, Carlos E. Novaes, 1975, período VI)

B. Pretérito mais-que-perfeito composto.

(23) VENTURA – É que a velha **havia morrido** seis meses antes.

(*O hóspede do quarto nº 2*, Armando Gonzaga, 1937, período IV)

(24) DOROTEIA – O Carlos já lhe **havia comunicado** que era noivo?

(*O hóspede do quarto nº 2*, Armando Gonzaga, 1937, período IV)

C. Futuro do presente composto.

(25) EMÍLIA - Oh, minha mãe, tenha pena do primo... O que não **terá** ele **sofrido**, coitado!

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

(26) EMÍLIA – Pobre Carlos, como **terás passado** estes seis meses de noviciário.

(*O noviço*, Martins Pena, 1845, período I)

D. Futuro do pretérito composto.

(27) DR. MONTEIRINHO - Se não fossem as influências mesológicas acanhadas, em que vivem nesta terra as inteligências que curam abrir a corola aos raios assaz ardentes da luz, eu já **teria** talvez, **aparecido**, a despeito dos meus verdes anos.

(*Caiu o ministério*, França Júnior, 1889, período II)

E. Futuro composto do subjuntivo: Não foram encontrados dados.

F. Pretérito perfeito do subjuntivo.

(28) PAULO - É isso, mamãe. Vê, talvez você não **tenha percebido** bem. [Mostra seu tamanho.]
Eu não sou mais menino.

(*Um elefante no caos*, Millôr Fernandes, 1955, período V)

- (29) ARMANDO – Eu sei lá, ela foi tão agressiva que não me surpreende nada que **tenha resolvido** aprender aí qualquer coisa, Karatê, boxe, judô...

(*A mulher integral*, Carlos E. Novaes, 1975, período VI)

G. Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo.

- (30) CRISTINA – Só ontem? Eu soube que o congresso acabou há tempos. Cheguei até a pensar que você depois do congresso **tivesse fundado** um novo El Dorado.

(*A mulher integral*, Carlos E. Novaes, 1975, período VI)

- (31) DOLORES - Se você **tivesse** me **perguntado**, eu tinha te falado. Tu tá com toda a pinta de barriga. Mas confirmação mesmo, só com exame, ou então esperar parecer. Tá com vontade de chupar alguma coisa estranha?

(*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, período VII)

H. Infinitivo não flexionado composto.

- (32) ARTUR, --. Oh, “miss”, por quem é! Não me responda assim, que me tortura o coração! Amo-a, “miss”! Já o deve **ter compreendido** no meu olhar! Por sua causa muito tenho sofrido em silêncio roendo o duro osso do seu desdém, tenho-me deixado esmurrar pelo excelentíssimo senhor seu pai...

(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)

- (33) NILSON - Deve **ter morrido**. Uma bala varou o olho!

(*No coração do Brasil*, Miguel Falabella, 1992, período VII)

I. Infinitivo flexionado composto

- (34) OTÁVIO - Pode gabar-se de já **haver percorrido** todos os recantos de Petrópolis.

(*O simpático Jeremias*, Gastão Tojeiro, 1918, período III)

- (35) VENTURA – É porque, geralmente, prevalece um ponto de vista errado. Em vida é que se conta tempo. A morte principia e acaba na eternidade. Assim, tanto faz **ter morrido** ontem, como há vinte séculos. A situação é a mesma. [tira um cigarro].

(*O hóspede do quarto nº 2*, Armando Gonzaga, 1937, período IV)

J. Gerúndio

- (36) VENTURA – É claro que, **tendo saído** de casa brigado com meu pai, cheguei ao Rio desprevenido de recursos... nem mesmo bagagem trouxe...

(*O hóspede do quarto nº 2*, Armando Gonzaga, 1937, período IV)

Os tempos verbais estão organizados de forma heterogênea nas sete peças analisadas. Este espaço é destinado para a quantificação do comportamento dos dados quanto à distribuição dos tempos verbais.

Tabela 4: A distribuição dos tempos e modos verbais ao longo do tempo.

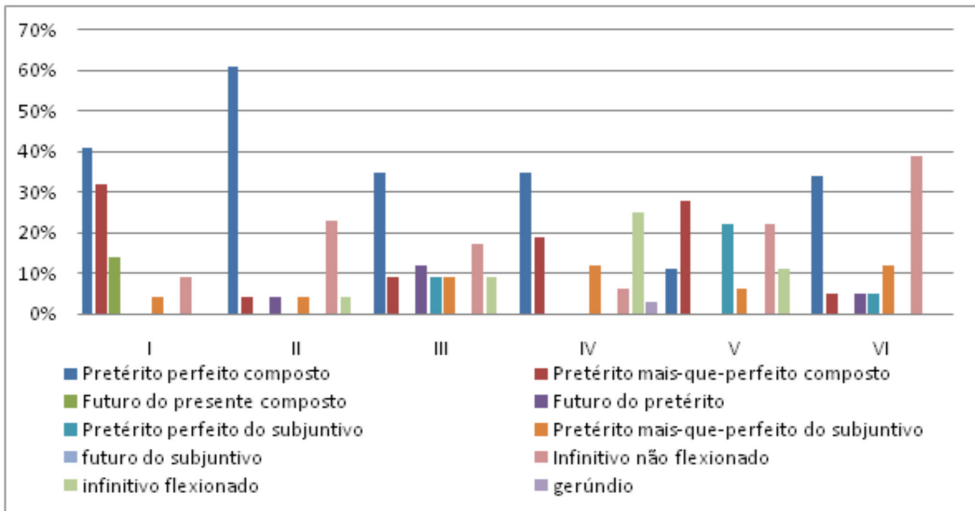
	I	II	III	IV	V	VI	VII
Pretérito perfeito composto	9 (41%)	16 (61%)	8 (35%)	11 (35%)	2 (11%)	12 (34%)	0 (0%)
Pretérito mais-que-perfeito composto	7 (32%)	1 (4%)	2 (9%)	6 (19%)	5 (28%)	2 (5%)	8 (47%)
Futuro do presente composto	3 (14%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Futuro do pretérito composto	0 (0%)	1 (4%)	3 (12%)	0 (0%)	0 (0%)	2 (5%)	0 (0%)
Pretérito perfeito do subjuntivo	0 (0%)	0 (0%)	2 (9%)	0 (0%)	4 (22%)	2 (5%)	0 (0%)
Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo	1 (4%)	1 (4%)	2 (9%)	4 (12%)	1 (6%)	4 (12%)	2 (12%)
Futuro do subjuntivo	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
Infinitivo Não flexionado	2 (9%)	6 (23%)	4 (17%)	2 (6%)	4 (22%)	14 (39%)	6 (35%)
Infinitivo flexionado	0 (0%)	1 (4%)	2 (9%)	8 (25%)	2 (11%)	0 (0%)	1 (6%)
Gerúndio	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)	1 (3%)	0 (0%)	0 (0%)	0 (0%)
TOTAL	22	26	23	32	18	36	17

Na tabela 4, constatamos que o tempo verbal mais frequente nos períodos I, II, III, e IV é o pretérito perfeito, ao passo que o pretérito mais-que-perfeito composto é o mais recorrente nos períodos V e VII, ficando o infinitivo não flexionado com o papel de principal tempo do período VI. Em contrapartida, não há nenhum dado no futuro do subjuntivo, apenas 1 no gerúndio (período IV) e 3 no futuro do presente (período I).

Os demais 4 tempos verbais, apesar de não se destacarem, aparecem em algumas peças e se distribuem de forma relativamente uniforme no que diz respeito à quantidade de dados. Ou seja, na linha “pretérito perfeito do subjuntivo”, por exemplo, vemos

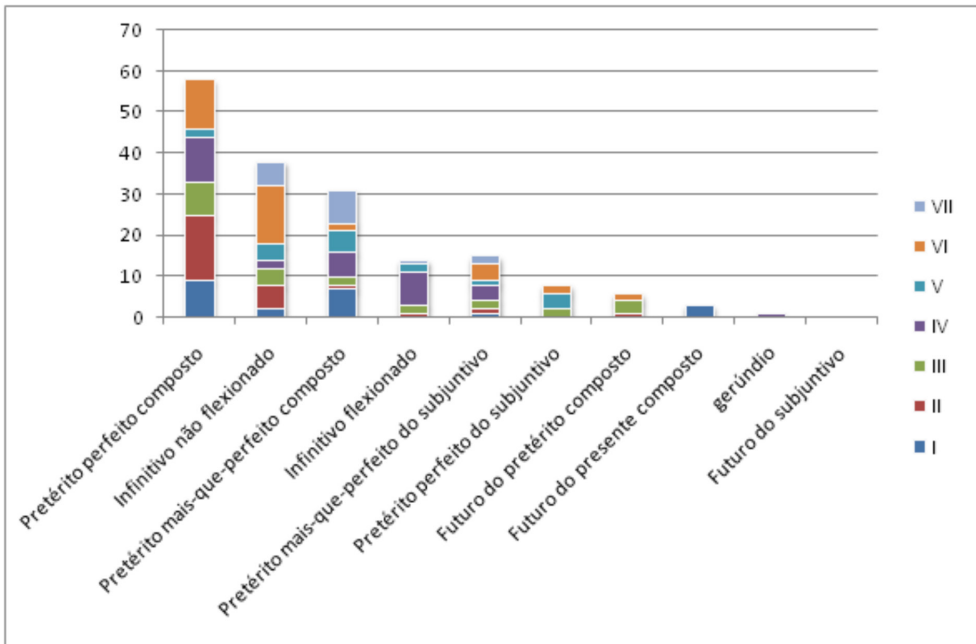
que a margem de dados por período é bem pequena, variando de 2 a 4. Em “futuro do pretérito” varia de 1 a 3; em “Pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo” de 1 a 4; e “Infinitivo flexionado” de 1 a 8. O gráfico 3 ilustra a divisão numérica registrada na tabela 3.

Gráfico 3: A distribuição dos tempos e modos verbais ao longo do tempo.



Observando a distribuição dos dados (174) de cada tempo verbal nas sete peças de uma forma geral, podemos enumerá-los do mais frequente ao inexistente: Pretérito perfeito (58), pretérito mais-que-perfeito composto (31), infinitivo não flexionado (38); pretérito mais-que-perfeito do subjuntivo (15); infinitivo flexionado (14); pretérito mais-que-perfeito composto (31); pretérito perfeito do subjuntivo (8), futuro do pretérito (6), futuro do presente (3); gerúndio (1); futuro do subjuntivo (0).

Gráfico 4: distribuição dos dados coletados (174) pelos tempos verbais.



5. Conclusão

À guisa de conclusão, retomamos a nossa hipótese: **O PB é mais conservador do que o PE tendo em vista que preservou uma forma arcaizante, ou seja, o uso do verbo “haver” como auxiliar.** Através dos dados analisados e das questões discutidas neste trabalho, podemos afirmar que o PB **não** seria mais conservador que o PE no que diz respeito à fala. Essa afirmação se respalda na constatação de que nos dados de peças cariocas (representativos da fala espontânea) a forma composta com o verbo auxiliar “haver” praticamente desapareceu.

Uma motivação para que ainda hoje as gramáticas do PB registrem a construção do tempo composto com o verbo “haver” pode estar relacionado com a valorização e o prestígio dedicados ao verbo “haver” existencial. É provável que os gramáticos tenham estendido a pressão em direção ao verbo haver existencial (verbo pleno) ao auxiliar, certamente numa atitude inconsciente. Tal atitude se reproduz no ensino escolar que insiste na preservação da estrutura considerada arcaizante por Oliveira (2013).

Referências

- BECHARA, Evanildo. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 37ª ed.,1999.
- DUARTE, Maria Eugênia Lammoglia et. AL. *O sujeito em peças de teatro (1833-1992): estudos diacrônicos*. São Paulo: Parábola, 2012.
- LEITÃO, Luiz Ricardo. *Gramática crítica, o culto e o coloquial no português brasileiro – teoria e prática*. Rio de Janeiro: Oficina do autor, 2007.
- OLIVEIRA, Fátima. Tempo verbal. In: Raposo et alii (orgs.). *Gramática do Português*. vol. I. Coimbra: Gulbenkian, 2013, pág. 509 -553.

Referências das peças teatrais utilizadas

- FALABELLA, Miguel. *No coração do Brasil*. 1992. SBAT (Sociedade brasileira de Autores Teatrais).
- FERNANDES, Millôr. *Um elefante no caos*. Porto Alegre: LPM editores, 1979. Escrita em 1955.
- FRANÇA JÚNIOR, Joaquim J. de. Caiu o ministério. In: CAFEZEIRO, E. et alii (orgs.) *Teatro de França Júnior*. Tomo II. Rio de Janeiro: Serviço Nacional de Teatro, Fundação da Arte, 1980, p. 169-221. 1883.
- GONZAGA, Armando. *O hóspede do quarto nº 2*. SBAT (Sociedade brasileira de Autores Teatrais). 1937.
- MARTINS PENA, Luiz C. O noviço. In: *As melhores comédias de Martins Pena*. Apresentação de Guilhermino César. Porto Alegre: mercado Aberto, 1987, 73-118. Escrita em 1845.
- NOVAES, Carlos Eduardo. *A mulher integral*. Biblioteca da Uni-Rio. 1975.
- TOJEIRO, Gastão. *O simpático Jeremias*. SBAT (Sociedade Brasileira dos Autores Teatrais). 1918.